

SENTIMENTOS CRUZADOS: AS POESIAS DE HELENA KOLODY ENTRE O MUNDO RURAL E URBANO

Tiago Boruch
Universidade Estadual de Maringá – UEM
boruch.tiago@gmail.com

Resumo: Esse trabalho pretende analisar os poemas da poetisa Helena Kolody com intenção de perceber o sentimento interiorano da autora presente nos poemas que abordam temas sobre o cotidiano urbano. Utilizando como aporte teórico a noção de acontecimento de Michael Foucault buscaremos compreender como a autora não se quer desprender do mundo rural, intercalando seus sentimentos, em busca de um fato que a torne pertencente do seu tempo e do meio em que vive. Helena Kolody nasceu na cidade de Cruz Machado, sudoeste do Paraná no ano de 1912 e veio a falecer em 2004 na cidade de Curitiba. Filha de imigrantes ucranianos, foi professora e poetisa. Sua obra ganha destaque no Estado ao escrever sobre os imigrantes ucranianos. Alguns temas são recorrentes e ganham certo destaque em sua obra como: a religiosidade, a natureza e as representações rurais e urbanas do imigrante. Destacando acontecimentos rotineiros da sua experiência de vida, trataremos de perceber como a repetição e a transformação está presente em seu discurso retratando o imaginário urbano construído em sua obra e a repetição do discurso nostálgico referente ao pertencimento cotidiano do mundo rural. Para isso levaremos em conta algumas questões: Como a vida da autora em Curitiba influenciou sua escrita? Como o sentimento da camponesa está presente no cotidiano citadino? Como a noção de acontecimento reflete a repetição e transformação em seus poemas? Para tanto, percorremos os caminhos na interpretação da identidade, da cultura e do cotidiano, focando na análise das poesias que remetem aos imaginários do espaço urbano e que desempenharam relevante papel na formação do discurso poético rural da autora. Kolody em seus poemas pronunciou e remeteu as lembranças de sua vida no interior, ou mesmo estereotipou a cidade como uma borda do mundo rural, dos costumes, das paisagens, do estilo de vida. A poetisa transforma seu discurso ao longo de seus poemas remetendo a nostalgia e a memória da camponesa criada no interior do Paraná, que encontra-se em busca da adaptação, mesmo com o passar de muitos anos. Ou seja, a autora não se quer desprender do mundo rural, apenas intercala e cruza seus sentimentos, em busca de um fato que a torne pertencente ao seu tempo e ao seu meio em que vive.

Palavras-chave: Helena Kolody, acontecimento, imigração.

Introdução

Quando pensamos em poesia, logo temos em mente, emoções e sentimentos. Sim, isso é algo que marca esse gênero literário. Mas é preciso ir além do sentimento, ou melhor, pensar aonde tal emoção é vivida, qual o espaço, urbano ou rural? Imaginário ou real? Ao nos questionarmos sobre isso, é necessário fazer uso da poesia como fonte

histórica, olhar para ela com a perspectiva científica, além do imaginário, passando para o espaço real. Nesse caso, a poesia como fonte interpretativa na história requer o uso de diferentes artifícios.

Os estudos historiográficos acerca da vida cotidiana e de seus espaços devem ser tomados como um rico campo de investigação histórica. Buscamos neste artigo, entender como a poetiza Helena Kolody através de seus poemas, incorpora o sentimento do meio rural nos poemas em que fala do espaço e cotidiano urbano.

Helena Kolody nasceu na cidade de Cruz Machado, sudoeste do Paraná no ano de 1912 e veio a falecer em 2004 na cidade de Curitiba. Filha de imigrantes ucranianos, foi professora e poetiza. Sua obra ganha destaque no Estado ao escrever sobre os imigrantes ucranianos, desde sua chegada ao cotidiano rural e urbano deles. Alguns temas são recorrentes e ganham certo destaque em sua obra como: a religiosidade, a natureza, as representações rurais e urbanas do imigrante. Durante sua infância e juventude viveu em diversas cidades do interior do estado¹, até mudar se para Curitiba no ano de 1927.

Buscaremos neste trabalho analisar como o discurso poético de Kolody sobre o cotidiano rural está presente em seus poemas urbanos. Como a vida da autora em Curitiba influenciou sua escrita? Como o sentimento da camponesa está presente no cotidiano citadino? Como a noção de acontecimento reflete a repetição e transformação em seus poemas? Para nós historiadores, o poema sendo um ato por traz das palavras do autor nos leva a indagarmos sobre as representações e as imagens criadas pela poesia. Abrindo caminhos para a contextualização histórica. As imagens criadas por Kolody exibem uma simbologia entre as representações e o sentimento do imigrante no mundo rural e urbano.

Segundo Otavio Paz:

O poema não é apenas uma realidade verbal: é também um ato. O poeta diz e, ao dizer, faz. Este fazer é sobretudo um fazer-se a si mesmo: a poesia não é só autocriação. O leitor, por sua vez, repete a experiência da autocriação do poeta e assim a poesia encarna-se na história. (PAZ, 1984, p. 85)

É por esse caminho que percebemos a repetição de discurso na poética kolodyana. Representações do imaginário rural presentes no urbano, sentimentos intercalados que

¹ Além de Cruz Machado, Kolody morou em Três Barras (interior de Santa Catarina), Rio Negro, Jacarezinho e Ponta Grossa. Todas essas cidades tem em comum a colonização eslava, tanto de poloneses, como de ucranianos.

transformam seus textos em fontes para pensarmos o acontecimento. Helena relata em muito de seus poemas experiências próprias, que transformam seus poemas em escritos singulares. A ligação e a repetição de discurso se dá pela ligação com seus descendentes escravos. O uso da poesia como fonte histórica, nas representações do meio rural e urbano em Kolody, reflete as experiências vividas pela autora e as memórias de sua família. O uso da poesia no campo da história nos faz pensar em novos caminhos e diferentes abordagens do autor, da época em torno do seu enredo. Ou como coloca Beatriz Vieira:

[...]as imagens poéticas construídas nos textos podem ser lidas como indícios da sensibilidade de uma época, ou seja, a percepção poética – o que a poesia sente, vê, ouve, lembra, afirma e nega, isto é, capta, transforma em sua linguagem específica e manifesta como belo ou como “digno” de ser selecionado como matéria de poesia, registrado e tornado memorável poeticamente – pode ser concebida como experiência histórica num dado contexto. (VIEIRA, 2007, p. 55)

Para entendermos melhor esses sentimentos cruzados, recorreremos a Micahel Foucault e a noção de acontecimento que ele estabelece. Em outras palavras o acontecimento é aquilo que possibilita a emergência de outros discursos. Como o sentimento rural presente no espaço urbano. Segundo Foucault: “em certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, há meses, há semanas...”. (*DE* III, p. 469)

Ou seja o discurso kolodyano referente aos imigrantes é um acontecimento presente em sua vida, algo que já foi dito e que a poeta incorpora em suas poesias. Segundo Foucault o acontecimento é:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é ponto imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que ele é efeito; ele possui o seu lugar e consiste na relação, na coexistência, na dispersão, no recorte, na acumulação, na seleção de elementos materiais; ele não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se com efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo incorporal. (FOUCAULT, 1971, p. 59)

No entanto para Foucault, acontecimento não é nem substância e nem acidente, não é uma qualidade e nem um processo, não é tampouco um corpo. A uma invasão de acontecimentos em torno dos poemas de Kolody, na qual presenciamos o sentimento nostálgico agregado em sua escrita, seja a contemplação e a saudade do meio rural, seja

o sentimento de não pertencimento ao mundo urbano. De fato podemos pensar isso como uma irrupção da história, ou para Foucault:

[...]a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da descontinuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. (FOUCAULT, 1969, p. 13).

Assim, restituir à história o lugar da “irrupção dos acontecimentos” significa restituir à história a sua voz que independe do sujeito que fala. Neste caso a voz que fala nos poemas não é de Kolody, mas dos acontecimentos que envolvem a história por trás de seus poemas, onde temos como propriedades, um forte apego à pátria de seus antepassados, a Ucrânia, a representação da cultura eslava da qual a autora fez parte.

Durval Muniz de Albuquerque Junior ao analisar Foucault e a história no seu livro: *História: a arte de inventar o passado*, coloca que: O discurso para Foucault é em si mesmo um acontecimento histórico[...]. (2007, p. 103). Dessa forma o discurso presente nos poemas podem ser fontes reveladoras de aspectos que não aparecem nas fontes ditas oficiais levando-nos a pensar nas representações que um determinado acontecimento pode ter e suas transformações no decorrer do tempo. Ou seja, é uma maneira de pensar a história como um acontecimento de fatos que vem do passado para o presente. Ou segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior:

[...] “Foucault parte do pressuposto de que o real é uma construção discursiva, feita tanto no passado como no presente. O historiador não pode tomar os documentos, as fontes históricas, como indícios de um real que pode ser desvendado, um real que estaria nas entrelinhas e seria reconstruído pelo historiador. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 103)

Portanto é nas entrelinhas que analisamos a história e o acontecimento presente nos poemas kolodyanos, partimos de como a repetição do discurso e o sentimento do meio rural estão ligados ao cotidiano urbano, retratado nos poemas da autora.

Os Sentimentos e percepções de Kolody entre o campo e a cidade

Os Poemas de Kolody, referentes ao urbano, se encaixam no período que a escritora viveu na capital paranaense Curitiba, de 1928 a 2004. A partir da análise e percepção de alguns dos seus poemas, faremos uma busca para retratar o imaginário

urbano construído em sua obra e a repetição do discurso nostálgico referente ao pertencimento ao cotidiano rural.

Ao pensar em cidade, logo temos a imagem do espaço urbano, as grandes metrópoles. Mas se buscarmos o real sentido da cidade, adentramos em diferentes vias. Não geograficamente, mas na multiplicidade dos sentidos, nas estações do ano, nas festas e comemorações, religião, costumes e tradições. A cidade é um estado de cultura, onde a sociedade é a engrenagem para seu funcionamento, as regiões de sentido como já dito, transcorrem a poesia kolodyana, representando os imigrantes e seus hábitos. Nas palavras de Marco Aurélio de Souza;

Nas regiões de memória da poética kolodyana, o tempo não se mede pelos relógios ou calendários, e a distribuição das fases do dia, das estações do ano e dos fenômenos climáticos responde ao repertório subjetivo da escritora. (SOUZA, 2013, p. 293)

Esse repertório da autora nos serve para pensarmos o seu discurso e a noção de acontecimento de Michael Foucault. Compreender o discurso como acontecimento significa entender quais as condições que alguém precisa aceitar quando pronuncia algo em algum momento. Entre o rural e o urbano, os impactos, não só no cotidiano, mas na natureza e na relação do ser humano com seu modo de vida. Nas palavras de Kolody, vemos as descrições dessa chegada em Curitiba, ao falar primeiramente da trajetória de seu pai. Segundo Kolody:

Na rua Itupava esquina com a Sete de Abril ele abriu uma casa de comércio, que durou alguns anos. Ele vendia fiado, principalmente para os amigos. E acabou precisando fechar o negócio, porque, quando eles recebiam, iam comprar em outra parte; quando não tinham, compravam fiado lá em casa. (KOLODY, ENTREVISTA, 2017)

Não está descrito na entrevista se esse comércio aberto por Miguel Kolody, atendia os imigrantes ucranianos. Porém ao pensarmos nessa transição do espaço rural para o urbano, entendemos que essa prática de comprar fiado, é característico do meio rural, do espaço dividido pelos imigrantes em que as relações sociais praticadas são flexíveis e simples ao se comparar com a cidade. Percebemos na fala de Kolody e na análise do cotidiano urbano, uma mudança de sociabilidade a partir da família de Kolody com o meio urbano.

Na mesma entrevista a José Wille, Helena descreve o quadro urbano de Curitiba nessa época. Segundo Kolody:

Não havia luz elétrica, nem água encanada, nem calçamento. A Itupava era uma rua barrenta e passava do lado de um riozinho fundo, onde uma vez escorreguei e caí dentro. A gente estudava à luz de lampião e, quando saíamos à noite, vínhamos em uma escuridão total, porque na rua não tinha luz elétrica. (KOLODY, ENTREVISTA, 2017)

Nesta passagem de transição Kolody, encontra um meio urbano não muito diferente do rural. Curitiba e a rua em que vivia, ainda não tinha privilégios das grandes cidades pelo país. A poetiza ainda destaca na entrevista como era a vida em Curitiba nas décadas de 20 e 30. Segundo Kolody:

Era uma vida sossegada, uma vida boa. Todo mundo tinha frutas e verduras no quintal. A gente chegava da escola e a mãe dizia “Agora você vai fazer uns canteirinhos para plantar alface, semear não sei o quê...”. E, na hora do almoço, “vai buscar um pezinho de alface para fazer uma salada”. Tudo era fresquinho... (KOLODY, ENTREVISTA, 2017)

Observamos na fala da poeta que as descrições da vida no meio urabano, se assimilam com a rotina no interior. Pequenos detalhes presentes na transição, que influenciariam sua escrita posteriormente. O habitus praticado por Kolody e os imigrantes nessa época, ainda se referem ao modo de vida interiorano e de adaptação no Estado do Paraná, são as formas e reproduções simbólicas encontradas na vida que são repassadas para a poética kolodyana.

Como exemplo o poema intitulado “Pelos bairros esquecidos”, Helena, se preocupa com a vida, de pessoas excluídas em muitos bairros periféricos da cidade, onde sonhos são perdidos, um imaginário de tantas emoções. O bairro esquecido, com seres humanos e suas vidas. Operários, crianças, pais e mães de família, simplesmente esquecidos, mas a no entanto, existe uma vida que não para. Formando uma identidade imaginária, como o imaginar dos bairros esquecidos de Kolody:

Pelos bairros esquecidos,
tantos passos,
tantos risos,
tantos sonhos perdidos
(KOLODY,1991)

É perceptível ver que Curitiba e seu espaço fossem a terra prometida de Kolody. Aspirada e desejada pelos imigrantes que no Estado chegavam. Percebemos que foi em

Curitiba, em meio à transformação de campo em cidade, que a autora revela a paisagem que influencia sua vida diretamente. Segundo a poeta:

Hoje, moro em um apartamento cujas janelas se abrem para a praça mais movimentada de Curitiba. Terminal de ônibus que levam a quase todos os bairros da cidade. Raramente escrevo. Agora sou uma simples espectadora. Igual a uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer... Mas que continua sonhando! (KOLODY, 1997a, p. 13)

A vida que Kolody observa pela janela não se desprende do discurso e das representações do meio rural. Kolody é a espectadora de características interioranas se adaptando lentamente ao espaço urbano. Os imigrantes que escolheram a cidade para residir, encontraram também dificuldades e outras visões do que era a vida no campo.

Segundo Luiza Fontes que escreve sobre a Terra estrangeira de Helena Kolody;

Sua pátria é sobretudo Curitiba. Curitiba é a Terra Estrangeira de Helena Kolody. Curitiba é a Ucrânia revisitada. É mais que um mero nicho de enraizamento. Curitiba soube preservar e potencializar sua pluralidade, sua multivocidade, seu “cosmopolitanismo” (FONTES, 2007, p.177)

Tanto o espaço das cidade como do campo, vai além do físico e material das construções. Nesse sentido buscamos analisar o contexto em que as ideias de campo e cidade são construídas e o que está associado a essas ideias. Para Raymond Williams as representações estão pautadas nas transformações sociais que afetam diretamente a população. Unindo isso as formas de representações nas poesias constata-se que em um simples ato rotineiro e cotidiano, é possível encontramos sentimentos, emoções e ações. Vejamos em uma abordagem sua sobre a representação do rural;

[...] devo dizer que para mim a vida rural tem diversos significados. São os olmos, os pilriteiros, o cavalo branco no campo que vejo pela janela enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar. É o trator descendo a estrada, deixando a marca denteada dos pneus na lama; é a luz acesa na madrugada, na criação de porcos do outro lado da estrada, no momento de um parto; o caminhão lerdo na curva fechada, repleto de carneiros amontoados na carroceria; o cheiro forte do melaço na forragem. É a terra estéril, de argila saibrosa, não muito longe daqui, que está sendo loteada para a construção de casas, ao preço de 12 mil libras o acre. (WILLIAMS, 1989, p. 13)

Se a vida no interior lhe proporcionava um cotidiano cheio de imagens e representações, o círculo urbano lhe oferece novas aspirações, contrárias e difíceis de

aceitar. O tédio que a poeta narra, é o estilo de vida dos imigrantes ao mundo urbano. Se no campo o imigrante se adaptou com certa facilidade e enfrentou as adversidades, nota-se que a adaptação ao mundo urbano teima em não acontecer. Segundo Kolody ao responder a seguinte pergunta de José Wille: “Depois de ter passado pelo campo e cidades do interior, a senhora vive hoje num apartamento, na região central de Curitiba. Como é a convivência?” (KOLODY, ENTREVISTA, 2017). Segundo as palavras de Kolody:

É dura, porque onde eu moro é barulho noite e dia. A gente está enlatada! Até o sol quando nascia, eu via... Agora, construíram uns prédios altos, e eu só o vejo quando já são 11 horas da manhã. A gente fica mais ou menos emparedada. Isso é triste, mas pego um ônibus, saio um pouco, vou para fora e vejo a Curitiba que era. (KOLODY, ENTREVISTA, 2017)

Kolody deixa claro sua tristeza em relação a cidade e seu modo de vida. O trilar do grilo, é o barulho dos carros, a noite na cidade que não acolhe o imigrante. A paisagem e o cotidiano sendo transformados. O espaço social e as relações trocadas, pelo exílio, atrás de janelas, que mal refletem a luz do sol. A visão que a autora nos passa é a visão de refugiado, em território disperso de seu cotidiano. O sentimento preso na vontade de se voltar ao passado, em ter novamente a cidade como era. Como percebemos no poema “Refugiado”:

Desembarca,
estrangeiro
e sozinho.

Percebe o olhar inimigo
dos que o cercam, ao chegar.
(Mais um com quem repartir.
Mais um que ocupa lugar.)
(KOLODY, 2001, p. 50)

Neste momento o discurso da autora é só de mais um no espaço urbano. Desembarca atrás de oportunidades que perderá no interior. Porém o mesmo que antes ocupava lugar de destaque, agora sofre sendo apenas mais um no meio da multidão do centro urbano. A imensidão da cidade, é o discurso de solidão, de refúgio e de melancolia da poeta. O sentimento cruzado de Kolody, é um sentimento de não pertencimento a atualidade, um acontecimento distante do ideal vivido no interior, da vida camponesa.

Segundo Foucault:

A problematização da atualidade como acontecimento constitui-se num certo movimento do pensamento, da crítica, que desatualiza o hoje, o presente, fazendo da atualidade uma “borda do tempo que envolve nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade” (FOUCAULT, 1972, p. 162-163).

Essa borda de tempo presente na poética kolodyana, retrata a alteridade da vida no urbano. Kolody deixa transparecer que não consegue se desprender da vida rural, da vida no interior do Estado. O que a autora nos passa é que a cidade é o seu lugar hoje, é o seu acontecimento, mas que seu pertencimento não condiz com a realidade que vive. O ponto de encontro entre os dois mundos, rural e urbano, radica na necessidade de Kolody revelar o que sente, valendo-se, para tal fim, de diferentes meios de exteriorização da subjetividade no seu texto. Segundo Paz (1996, p. 12): “A poesia ignora o progresso ou a evolução e suas origens e seu fim se confundem com os da linguagem”. A criação poética de Kolody, está ligada ao sentimento nas entrelinhas, apresentando o discurso urbano ligado e dependente do rural.

Portanto não é possível marcar um lugar específico no tempo do encontro com aquilo que nos gera a vontade de saber e de criar um lugar no mundo ao qual iremos circunscrever nossa fala. Kolody mesmo em um ambiente urbano, em um cotidiano distinto do que viverá, estabelece em sua fala a ligação com o mundo rural. Mesmo nas transformações da cidade, o sentimento, o pensamento, as falas e as poesias nos mostram a repetição da vontade de estar em outro lugar, em meio a cidade e suas tensões, a poeta mantém se ligada ao mundo em que cresceu e começou sua jornada intelectual. Segundo Foucault:

As práticas sociais podem ser olhadas como as marcas dos dentes do tempo no corpo da história, como vestígios de uma herança que “não é uma aquisição, um bem que se acumula e solidifica: é antes um conjunto de falhas, de fissuras, de camadas heterogêneas que a tornam instável, e do interior ou debaixo, ameaçam o frágil herdeiro” (FOUCAULT, 1979, p.17)

As marcas do tempo e as práticas sociais em que Helena pertencerá, revivem e se conectam ao seus poemas. A menina camponesa, ainda faz parte e por vezes domina a mulher urbana. O passado, que incessantemente cresce, também se conserva na sua escrita, acompanhada por inteiro a cada instante e acomoda-se junto a vida e a carreira da poetiza. No poema “Passado Presente”, da obra *Sempre Palavra* de 1985, Helena retrata

o sentimento de nostalgia de um passado, de um lugar, sem denominação no poema, mas que nos faz pensar em suas marcas deixadas no interior. Segue a poesia:

Ilusório regressar,
pelos caminhos de agora,
aos dias que se apagaram.

O rosto de ontem mudou.
Lugar que foi, não é mais.
O viver é diferente.

Somente em nós, tudo existe
e não se extingue jamais.

Tempo guardado em lembranças,
a saudade nos devolve
todo o presente de outrora.
(KOLODY, 2001, p. 60)

Helena, quando escreve consegue resgatar suas lembranças, sua história de vida, vista agora com um olhar de maturidade; seus poemas abordam o sentimento de saudade, seja de um lar, da simplicidade do interior e, ao mesmo tempo, reproduzem a dureza de uma vida sofrida, pela ótica da poeta no mundo urbano. No poema citado, podemos analisar o discurso de acontecimentos do presente que não se desprende do passado, nas palavras “o rosto de ontem mudou. Lugar que foi, não é mais”, evidencia o sentimento da poeta em relação ao passado, o lugar podemos dizer que seria a vida no campo, algo que foi e não é mais, até o seu rosto mudou, seja pela tempo, pela idade ou pelo sofrimento da nova realidade. “Somente em nós, tudo existe e não se extingue jamais”, é perceptível analisar essa frase em relação as lembranças, tempo que não se pode mais ter, mas que fica guardado na memória e nos poemas de Kolody. Evocar o passado e as lembranças constantemente é uma prática kolodiana e uma maneira de tornar a vida mais fácil de ser vivida pela poeta.

Recorremos a Michael Foucault em a *Arqueologia do Poder*, ao analisarmos o poema Passado Presente percebemos que; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. Nas palavras de Foucault:

O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a

destina ser interpretação ou escuta de um já dito que seria, ao mesmo tempo um não-dito. (FOUCAULT, 1969, p. 28).

Até mesmo a recordação da juventude na cidade de Curitiba, Kolody, escreve as lembranças da cidade em transformação, a capital com aspecto de cidade do interior. Mistura de paisagens, entre ruas e pomares, sábias e bondes. A lembrança da poeta é a lembrança das vozes que não se calam em sua memória, transpassadas na escrita.

Curitiba, cidade menina
paisagem do meu amanhecer.
Por toda parte, a marca de meus passos,
o fantasma de meus sonhos.

Jardins, pomares,
pinheiros e mais pinheiros,
onde moravam sabiás cantores
e bem-te-vis moleques.

As torres da Catedral olhavam
por cima dos sobrados.

Carroças de Santa Felicidade
trepidavam no calçamento das ruas
e faziam tremer a voz cantante das colonas italianas:
- "Qué comprá lenha,
batata doce, repolho,óvo!"

Bondes elétricos circulavam, vagarosos,
do centro para os bairros.

Perdia-se nos longes o pregão
do peixeiro português:
- "Pei.....xe! Camarão!"
Corria pelas ruas
o anúncio dos pequenos jornaleiros: -
"Gazeta do Dia" - "Diário da Tarde!"

Estudantes eletrizavam a cidade
com sua ruidosa juventude.
Acotovelavam-se risos e conversas de crianças,
pombos brancos a caminho da escola.
Recordo Curitiba adolescente.
Uma névoa de saudade me envolve o coração.
(KOLODY, 1997)

No poema “Menino de Arranha – céu”, Kolody escreve em alusão as construções que dominavam a capital paranaense nos anos 60. Porém a autora não pretende dar importância ao edifício, mas sim ao menino que habita o seu interior. A autora ao escrever esse poema não refere-se apenas a um menino, mas coloca a sua própria vida habitando um arranha-céu. O estranhamento do imigrante em um mundo diferente do rural. Em que

agora a liberdade que procura não está ligada a adaptação em um cenário contrário ao que viveu.

Canarinho preso
a voar a rosa-dos-ventos
num mundo de estampas

Viajam teus olhos curiosos
imaginados caminhos,
guardados pelas vidraças,
camundongo emparedado.
(KOLODY,1964)

Ainda na mesma obra a poeta escreve a poesia “Noturno”, a mesma também referência as grandes construções e a vida em seu entorno. Um reflexo do cotidiano noturno da cidade refletido nos edifícios de Curitiba, diferente das luzes da lua e dos vagalumes que foram representados nas poesias em que fala do interior.

Segue o poema:

Denso jardim de arranha-céus,
Florindo anúncios luminosos
E as rumorosas multidões
Dos que não sabem estar sós.
(KOLODY,1964)

Considerações Finais

Ao analisarmos as poesias de Kolody, percebemos que a sua narrativa é capaz de introduzir o leitor num universo de alternativas históricas possíveis, permitindo o seu trânsito entre elementos ou camadas colocadas à margem da sociedade e da história de diferentes classes e fatos sociais. Em uma constante construção acerca dos cotidiano urbano e rural. Sendo uma configuração não só do tempo mas da sociedade representada nos poemas. Como podemos perceber em Foucault compreender o discurso como acontecimento significa entender quais as condições que alguém precisa aceitar quando pronuncia algo em algum momento. Segundo Foucault (1984a, p. 14), Trata-se de “definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é e o mundo no qual ele vive” - a sua atualidade.

Kolody em seus poemas pronunciou e remeteu as lembranças de sua vida no interior, ou mesmo estereotipou a cidade como uma borda do mundo rural, dos costumes,

das paisagens, do estilo de vida. A poeta transforma seu discurso ao longo de seus poemas remetendo a nostalgia e a memória da camponesa, filha de imigrantes ucranianos, criada no interior do Paraná, que encontra-se em busca da adaptação, mesmo com o passar de muitos anos. Ou seja, a autora não se quer desprender do mundo rural, apenas intercala e cruza seus sentimentos, em busca de um fato que a torne pertencente ao seu tempo e ao seu meio em que vive.

Referencias

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **Foucault e a noção de acontecimento.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 53-66, outubro de 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Petrópolis Lisboa, Vozes Centro do Livro Brasileiro. 1972.

---. **Microfísica do poder.** Rio: Graal. 1979

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **A terra estrangeira de Helena Kolody.** Graphos (João Pessoa), v. 9, p. 167-179, 2007.

KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida.** Curitiba: Editora Letraviva, 1997.

---. **Viagem no espelho.** Curitiba: Editora da UFPR. 5ª. Ed., 2001.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda.** Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SOUZA, M. A. **Paisagens do interior: regiões de memória e outros lirismos na primeira poética de Helena Kolody (1941-1951).** Uniletras, v. 35, p. 287-300, 2013.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. **A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70.** UFF. – 2007. 379 f.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade : na história e na literatura /** Raymond Williams ; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Sites

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Portal Paranaense: **Vida e poesia de Helena Kolody**. Disponível em:
<http://paranaportal.uol.com.br/blogs-memoria-paranaense/vida-e-poesia-de-helena-kolody/> último acesso em: 15/04/2019